



Muitas teorias e poucos caminhos para a subjetivação A busca de um método/metáforo para os estudos da Comunicação¹

Ana Paula de Moraes Teixeira²
Universidade de São Paulo

Resumo:

Pretende-se com este ensaio tocar numa discussão bastante intrigante para o atual cenário de composições em torno do qual se constitui os estudos sobre Comunicação, qual seja, a pertinência e atualidade de várias correntes teóricas que ora se justapõem, ora se complementam para, mesmo assim, ainda não darem conta do complexo de subjetivações, relativizações, fragmentações e efemeridade dos fenômenos em Comunicação. Também arriscamos evidenciar com a reflexão a carência de investigações mais pontuais sobre a necessidade de encontrar para a área um método de pesquisa capaz de absorver os desafios e caracterizações multifacetadas e corresponder à necessidade de se considerar a questão da subjetivação no cenário da contemporaneidade.

Palavras-chave: Teorias da Comunicação. Metodologia. Subjetivação. Epistemologia. Metáforo.

¹ Trabalho apresentado ao NP Teorias da Comunicação, do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduada em Jornalismo (Universidade Estadual Paulista – UNESP – Bauru/SP) Mestre em Educação Escolar – Política e Gestão Educacional (Unesp – Araraquara/SP), doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (ECA/USP) e docente no curso de especialização em Comunicação Social do Exército Brasileiro (OM: CEP-RJ). Tem experiência em gestão e coordenação de curso superior e já atuou em Centros Universitários do interior de São Paulo. Realiza pesquisas nas áreas de jornalismo, educação e teorias da comunicação. Email: anapmt@gmail.com



Muitas teorias, poucos diálogos, nenhum escopo

A observação dos fenômenos em Comunicação construíram, ao longo da história recente, uma série de possibilidades que, a priori, foram definidas como pesquisas, para depois irem alinhando conceitos e aplicações que, por seus desdobramentos, foram sendo reconhecidos como teorias. Assim, até o início dos anos de 1990, era comum reconhecer como válidas as concepções que "olhavam" do presente para trás, ou, que descreviam as implicações dos fenômenos ocorridos na situação do presente. Nesta lógica, tempo e espaço ainda reservavam suas concepções exclusivas de cronologia e territorialidade, porque a velocidade com que os fenômenos aconteciam ainda conservava um aspecto por assim dizer, controlável ou capturável.

Era plausível, portanto, aguardar o acontecimento dos fenômenos para então construir um arcabouço de pressupostos que iriam corroborar com a análise ou previsão de situações semelhantes. Muitos dos processos de mediação e desenvolvimento de artefatos simbólicos para a sociedade de consumo tiveram o apoio dessa condução de estudos.

A Publicidade e Propaganda enriquecendo suas estratégias a partir da Teoria Hipodérmica e a Teoria dos Efeitos, o Cinema reconstruindo-se por metalinguagens a partir da Teoria Crítica (Escola de Frankfurt), o Jornalismo ainda hoje se apropriando do esquema de Lasswell, apenas para citar alguns exemplos.

Na convergência de todas as possibilidades, o ciberespaço podendo se valer de quase tudo o que já foi pesquisado e conceituado em termos de comunicação, com especial destaque para os estágios "visionários" indicados por McLuhan e pela Escola de Comunicação de Chicago, numa proporção nunca antes experimentada, conclama as várias linhas do pensamento comunicacional desenvolvidas desde o século XIX, para, enfim, serem revisitadas sob um viés intencionalmente articulado. Simultaneamente, o agenciamento da Comunicação nos mais variados aspectos de sua composição, sempre pode coexistir sem que prevalecesse uma única caracterização.

Mas, precedendo à discussão sobre admitir para as pesquisas do futuro a pertinência e o aceite das muitas configurações teóricas e metodológicas realizadas até aqui, vem a questão de como as primeiras acepções contribuintes à área se cristalizaram, sem que houvesse uma organização



epistemológica minimamente respeitosa ao reconhecimento da Comunicação como ciência, na esteira dos processos de subjetivação dentro dos quais os homens estão imersos.

As fissuras que fragilizam e minam o campo se dão sob vários aspectos. Primeiramente porque muitos dos conceitos utilizados foram experimentados a partir de demandas advindas de outras áreas, como a Sociologia, a Psicologia e a Lingüística. Em segundo lugar porque, mesmo dentro da área, o desenvolvimento das pesquisas se dá de forma arrogante e insular, e, a exemplo do cenário brasileiro, ao invés das pesquisas convergirem em torno de um cômputo que agrega os conhecimentos gerados em cada um dos pólos, respeitados os limites de aplicação, em geral o que acontece é uma disputa de vaidades pouco somativa, em que cada núcleo de pesquisadores chama para si a centralidade e relevância destacada em relação às demais; e o que poderia ser visto como as muitas possibilidades (transversais, interdisciplinares, complementares) de ascensão da Comunicação como ciência, admitindo, portanto, os aspectos relativizados e a multiplicidade de agenciamentos passíveis aos fenômenos comunicacionais, em geral, coadunam mais como dispersos tratados doutrinários. A gravidade do "patrulhamento ideológico" atinge núcleo de investigadores de um mesmo pólo de pesquisa, a exemplo das vertentes presentes nas Universidades, em especial nos Programas de Pós-Graduação.

A escassez de diálogo entre os estudos – ao mesmo tempo em que permite fluir intensidades de imersões focais, num crescente esgotar de exploração temática em torno das problematizações da área, criando, elas mesmas, *epistemes* que constroem para a Comunicação representações e percepções muitas vezes exploradas até o limite da subjetivação do sujeito nas suas relações comunicacionais – é o que faz com que esse ensaio aponte para a busca de alternativas metodológicas que abram caminhos para a acomodação de eixos sem fronteiras.

A dificuldade de se constituir um conceito de Comunicação

L.C. Martino (2007), em seu artigo "Uma questão prévia: existem Teorias da Comunicação?" convida-nos a pensar sobre as diferenças entre teorias da comunicação e teorias sobre a comunicação, em busca de uma maior precisão sobre as inconsistências de se definir a área com solidez. No trabalho, Martino faz menção a Miguel de Moragas que *"recusa enfaticamente a idéia da Comunicação como uma disciplina autônoma, ainda que algumas de suas principais obras – como Teorias de la Comunicación: investigaciones sobre medios en América y Europa – muito*



contribuíram para o estabelecimento da crença na existência de “teorias da comunicação”. A negação expressa no plano do conteúdo não impede a implementação da idéia contrária: se existem livros de teorias da comunicação é porque deve existir alguma área de saber correlata, sugere a lógica banal, malgrado tudo o que se diga em contrário. Mais adiante ainda, o pesquisador - ao elucidar um pano de fundo sobre a incidência dos conceitos nas obras disponíveis - vai instigar à questão sobre não termos uma idéia muito precisa do que é Teoria da Comunicação.

Argumentação que reforça nosso pressuposto de que não só há desencontros para a validação de um estofo epistemológico consistente, como também falta aos pesquisadores da área a sensibilidade para admitir que não mais será possível investigar a Comunicação elegendo um escopo em detrimento de outras preocupações que aparentemente são periféricas. Não será mais possível isolar um aspecto mais ou menos prioritário, sem considerar a fusão dos fenômenos, plataformas e linguagens, a partir das constantes renovações dos dispositivos tecnológicos. Não será mais possível compreender a vivacidade dos fenômenos sem considerar a Comunicação como aparato (meio), como processamento (telemática), como processo (mediação), como difusão (irradiação espectral), como fugacidade e efemeridade (acontecimento), como área que acolhe todas as possibilidades de inter-relação que fazem do homem um ser social.

Marcondes Filho (2002, 2004, 2009) nos chama atenção para as problemáticas em torno da definição do conceito de Comunicação, e, ao propor a Trilogia "Nova Teoria da Comunicação" (1), expõe um arsenal de reflexões filosóficas e metodológicas sobre linguagens, sentidos, interpretações e sistemas, a partir das concepções e Teorias da Comunicação elaboradas ao longo da história, desde os estóicos até a atualidade, defendendo a tese de que o campo ainda não apurou um conceito que refletisse essencialmente o fenômeno comunicacional como um acontecimento, e que as evoluções teóricas percorridas até então se restringem a aproximações operacionais muito triviais (2) e disprovidas da pulsação fenomenológica, essencial para a apreensão sensível com o mundo (no sentido de *aisthesis*).

Do método para o método

A dificuldade de se construir um referencial que possa ser interessado ou aderente a todo e qualquer evento comunicacional talvez seja o que implique na justaposição de tantas correntes teóricas, frequentemente versando do mesmo fenômeno, só que de um outro jeito. A reflexão que importa,



por vezes, nos deparamos, é: será que é possível elaborar um conceito aplicável a qualquer tipo de evento comunicacional? Uma teoria master? Uma base comum? Seria tão complexo e ao mesmo tempo tão elementar chegar-se a um denominador comum que correspondesse de forma simples às pretensões tão emaranhadas das experimentações no campo?

Apesar de não caber neste ensaio uma envergadura de estudos que possibilite revisitar comparativamente cada uma das contribuições organizadas até então, realizar uma tarefa assim talvez pudesse promover uma visão grande angular sobre que forma abordar os novos fenômenos, tão distintamente iniciados fora dos territórios, ou, na forma como chama Deleuze, desterritorializados.

Acurar as noções dos caminhos pelos quais serão trilhados os estudos do futuro próximo tornou-se um grande desafio, haja vista a necessidade cada vez maior de considerar a subjetividade, a instantaneidade e a obsolescência como marcas que matam em definitivo a busca por uma epistemologia cuja lógica seja a de se cristalizar um objeto para se tentar observar seus primas.

Trata-se, portanto, de valorizar também aspectos incorpóreos e inexprimíveis quando da realização da investigação comunicacional. Dissecar possibilidades subjetivas que não reduzem a pesquisa à escravização do dueto “recorte e objeto”, quando, na verdade, a participação do sujeito-pesquisador (seu olhar, sua composição entre, seus afetos que transformaram a “coisa” ao mesmo tempo em que também vai se afetando por ela) é tão material legítimo de estudo quanto os recortes e as significações.

Minayo (1994), ao organizar um trabalho sobre Pesquisa Social, discute a cientificidade como uma idéia reguladora de alta abstração e não como sinônimo de modelos e normas a serem seguidos.

... é necessário dizer que o objeto de estudo das ciências sociais possui consciência história. Noutras palavras, não é apenas o investigador que dá sentido a seu trabalho intelectual, mas os seres humanos, os grupos e as sociedades dão significado e intencionalidade a suas ações e as suas construções, na medida em que as estruturas sociais nada mais são do que objetivadas. (...) é preciso ressaltar que nas Ciências Sociais existe uma identidade entre sujeito e objeto. (Minayo, 1994, p. 15)



A para reforçar a idéia de mistura dos corpos entre investigador e pesquisa, a autora recupera a citação de Lévi-Strauss, que diz que “numa ciência, onde o observador é da mesma natureza que o objeto, o observador, ele mesmo, é uma parte de sua observação”.

A curiosa metamorfose pela qual passa a sociedade também presencia a irrupção de sensações de pertencimento ou desagregação, antes inimagináveis; porque os sentidos de comunicabilidade se re-arranjam e as interferências das tecnologias passam também a nascer junto (e a transformar) com e os aspectos cultural dos povos, mesmo os mais resistentes.

É trajetória derivada da crítica aos paradigmas conceituais tradicionalmente estabelecidos para a comunicação a proposição de uma análise desestruturante dos referenciais que vinculem toda e qualquer produção de sentido a um conceito-chave, a um fechamento teórico enquadrado em um modelo insuficiente para a complexa relação tripartite homem-comunicação-sociedade, minimizando-a a redutoras leituras descritivas, estruturalistas e escolásticas. Pois, se por um lado, já não é mais possível ignorar as peculiaridades residentes e agenciadas na individuação, porque é a partir da diferença “do um” que as reconstruções, criações e multiplicações ganham forma; por outro, a análise da comunicação entre sujeitos, que até então prescindia a todas as tangentes interpessoais, no esquema “um a um”³, volta a ganhar lugar privilegiado com o advento de meios híbridos.

As redes sociais e todos os modismos afiliados à web 2.0, ao mesmo tempo em que possibilitam agenciamento de enunciações coletivas, também libertam das amarras as situações de constrangimento em que a individuação encontrava limites. A comunicabilidade e os intercâmbios simbólicos recriam uma nova cultura em que a comunicação é protagonista e agente de transformação tão preponderante quanto o próprio sujeito.

Para Guatarri, os fatores subjetivos sempre ocuparam um lugar importante ao longo da história. Mas parece que estão na iminência de desempenhar um papel preponderante, a partir do momento em que foram assumidos pelos mass mídia de alcance mundial; e as transformações tecnológicas nos obrigam a considerar simultaneamente uma tendência à homogeneização universalizante e reducionista da subjetividade e um reforço da heterogeneidade e singularização e seus componentes.

³ ou “um a vários”, ou, “vários a um”, ou, “vários a vários”



Considerar, portanto, a questão da subjetividade, a partir de autores como Emmanuel Levinás e Georges Bataille, no desenvolvimento do método, é, não apenas a confirmação de que há um equívoco em considerar a lógica positivista válida para a comunicação, como também, imprescindível para o entendimento de que há um além que permeia a comunicação, não descrito pelas tradicionais teorias da comunicação e que faz com que, no intercâmbio entre diferenças e comunhões, surjam elementos imprevistos e surpreendentes, que remontam as implicações do eu e o tu, do diálogo, da alteridade, e do entre.

Julga-se que o diálogo (ou mesmo as enunciações), a linguagem enquanto estatuto cultural ⁴e as formas recursivas com que os códigos de comunicação sempre tiveram a oportunidade de estruturarem como conceitos; todos esses elementos nunca sofreram uma carência tão latente de encontrar uma forma mais dinâmica de compreender a vivacidade e transformação das intersubjetividades, especialmente porque o ambiente virtual, onde todas essas hibridizações acontecem, propiciou por suas características, proximidade e distanciamento; exacerbação de interatividade e reclusão total à condição-esponja⁵; e todos os demais extremos acometidos de suas frequências.

Conclusão: O lugar do metáforo proposto por Marcondes Filho

Marcondes Filho, em seu trabalho inédito sobre a *Razão Durante*⁶ (ainda no prelo) e à frente do Núcleo de Estudos sobre Filosofia da Comunicação, o Filocom, na Universidade de São Paulo, privilegia um método fenomenológico de trabalho que se debate, frontalmente, com as tradicionais formas de se estudar os fenômenos comunicacionais. Trata-se do quase-método ou, conceitualmente engendrado como metáforo. O movimento dessa ação metodológica toma como modo de apreensão do real a captura instantânea, sensível, sem conceitos, tal qual se observa na relação estética com o mundo, que permite inferências e através da qual se pode captar o que não está presente. A evidência não é exterior, como pensava o idealismo, mas do próprio mundo, do mundo vivido. Com a intuição sensível, com o ato de nos transportarmos para o interior de um objeto realizamos a *simpatia*, isto é,

⁴ Ou seja, todos espectros que tentam situá-la nas relações de convivência e sociabilidade

⁵ A falta de participação para com os outros; não por falta de condições, mas de permissividade do sujeito, que se inclina apenas a absorver.

⁶ Vol. 1: O espelho e a máscara: o enigma da comunicação no caminho do meio; Vol. 2: O escavador de silêncios: formas de construir e de desconstruir sentidos na Comunicação, e Vol. 3: O princípio da razão durante: por uma lógica dos processos em comunicação. (no prelo).



fundimo-nos com o que há de único no objeto. Diferente das ciências positivas, o metáporo não analisa, não adota um ponto de vista sobre a coisa, não disserta sobre ela mas busca captá-la no próprio objeto. Não se trata se apreender nem de compreender mas de sentir suas vibrações, sua força, sua energia própria e encontrar uma forma de apresentá-la ao outro, de repassá-la, de manter os efeitos vibrando. O trabalho de compreensão cabe aos estudos paracomunicacionais, com a sociologia, a história, a psicologia, a psicanálise e as teorias lingüísticas, semióticas e semiológicas. O campo da comunicação, diferente destes, é o da identificação de uma comunicabilidade, de sua descrição, assim como dos mecanismos de transformação operados por ela tanto em indivíduos isolados como em fenômenos sociais de maior alcance.

A lógica que sustenta essa inovação metodológica é fundada justamente na noção de que não existe um método universalmente válido. Na elaboração sobre esses saberes metodológicos, Marcondes Filho relembra Paul Feyerabend, quando causou grande agitação na cena dos filósofos analíticos (os que se opõem ao positivismo lógico), ao propor, em oposição a seus antecessores, a discussão do método “virando completamente a mesa”, isto é, advogando um “anarquismo epistemológico”: às vezes, Feyerabend diz contra Popper, é mais aconselhável introduzir uma hipótese ad hoc, contrária ao resultado experimentalmente estabelecido. Feyerabend diz que o método deve ser sempre dinâmico, mutável, adaptável continuamente às mudanças de época e de contextos históricos. As normas científicas existem para ser burladas e isso é o que garante o progresso no saber. A proposição vê a comunicação como esse território movediço, levanta informações e as expõe; espera que delas surjam correlações, hipóteses, novas buscas. Por hipótese, os processos de comunicação, estruturas, instituições, gêneros, modelos, linguagens são esse jogo de reenvios e remissões, idas e vindas, sínteses de passados e presentes, constituindo seu movimento vital.

O desafio da teoria, destaca Marcondes Filho, é o de pensar uma ciência do transitório, um saber que se dedique ao instável, àquilo que só se mostra neste exato momento por efeito das forças que interagem aqui e agora; é como estudar química ou fisicamente um jato d'água, que só ocorre neste momento, e que, se paralisado, reduz-se ao fluir inconstante das moléculas. Se o acontecimento só pode ser percebido no instante em que as linhas intencionais coincidem em se cruzar, nesse exato momento em que a dinâmica dos agentes constrói o ato, e jamais *a posteriori*, então esse processo nunca será capturado em sua totalidade, pois é sempre transitivo, escapa entre os dedos, em momento algum irá permitir um assentamento.



Um procedimento de estudo e de investigação dos acontecimentos comunicacionais que se detém no exame de sua própria ocorrência – como se dão, que efeitos provocam, qual é a lógica de seu impacto, de sua atração, de seu mecanismo de sedução – não pode trabalhar com a concepção de um saber que encontra sua meta, que chega a seu destino, que atinge as respostas, as verdades, as certezas. Muito pelo contrário, o traço significativo dessa nova forma de olhar a comunicabilidade humana está exatamente em seu caráter de *eterno percurso*. Não se visa uma saber final, uma construção a ser reverenciada, uma descoberta que irradie pelos tempos futuros essa iluminação atingida. Nada disso, o saber é pontual, provisório, igualmente mutante e eternamente novo.

Para justificar a abertura de um novo caminho, a teoria se inspira na obra de Sarah Kofman (Como escapar?), em que o autor, juntamente com Danielle Naves, se valem do conceito de poro para melhor adequar a terminologia de investigação da comunicação, sob a égide citada a pouco. Poro é a abertura de uma passagem num espaço caótico; ele introduz vias, cria direções possíveis, caminhos de fuga, ele vence a aporia. Poros, diz ela, dissipam a obscuridade que reina na noite das águas primordiais abrindo as vias por onde o sol pode levar à luz do dia e as estrelas traçar o céu de rotas luminosas das constelações. É a opção para quem não pretende seguir um caminho estriado, contaminado por uma teoria imóvel, rígida, travada, e busca o caminho liso, aberto, indeterminado, difuso, livre.

Por isso tratam da investigação não falando de *método* (meta + odos), mas de *metáporo* (meta + poros). Tradicionalmente, o saber ocidental utiliza-se da forma "método", como rota instituída, caminho pavimentado, autopista marcada por seus *guard rails*, da qual não se pode evadir.

Para muito além do método, o metáporo sugere um caminho em que a construção seja engenhada sob pressupostos filosóficos e pela dimensão do acontecimento enquanto ele dura. Vivo. Já que, como a vida, a comunicação deve ser realizada pela concretude do "cada-dia".

“O antes é histórico e o depois ainda não aconteceu”

Ana Paula de Moraes Teixeira



Referências bibliográficas

BATAILLE, Georges. **A experiência interior**. Rio de Janeiro: Taurus, 1986.

GUATARRI, Felix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Giles; GUATARRI, Félix. **Mil platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 1995.

LEVINÁS, Emmanuel. **Entre nós**. Ensaio sobre a alteridade. Petrópolis, RJ. Vozes: 2005.

MARCONDES FILHO. **O espelho e a máscara**: o enigma da comunicação no caminho do meio. Ijuí-RS: Editora Unijuí, 2002.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O escavador de silêncios**. Formas de construir e desconstruir sentido na Comunicação. São Paulo: Paulus, 2004.

MARCONDES FILHO. **O princípio da razão durante**. Por uma lógica dos processos em comunicação. São Paulo: Filocom ECA/USP, 2009 (no prelo).

MARTINO, Luiz Cláudio. Uma questão prévia: Existem Teorias da Comunicação? **In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Santos – SP, 2007. NP Teorias da Comunicação.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 2002

MINAYO, M. Cecília de Souza (Org). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NAVES, Danielle. **Poros ou passagens da comunicação**. Tese de Doutorado. Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. Brasil., Ano de Obtenção: 2007. Orientador: Ciro J. R. Marcondes Filho.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.